



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

JAQUELINE GOMES NOGUEIRA

**ARLEQUINAS: Uma percepção do mundo virtual sobre interações
de gênero no tráfico cearense**

JAQUELINE GOMES NOGUEIRA

ARLEQUINAS: Uma percepção do mundo virtual sobre interações de gênero no tráfico cearense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba em cumprimento das exigências para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa.: Maria Patrícia Lopes Goldfarb

João Pessoa – 2024

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
CAPITULO I – UMA BREVE HISTÓIRA DO CONJUNTO PALMEIRAS – ONDE SURGE A GDE	10
1.1 A Formação do Bairro	10
1.2 A importância das mulheres na criação de um modelo de economia solidária	15
 CAPÍTULO II – O virtual e o real como dois lados do mesmo campo social	 19
2.1 Adolescentes: reflexos e reflexões a partir de uma rede social da internet.....	19
2.2. As Arlequinas.....	21
 CAPÍTULO III – ARLEQUINA, FIEL, MARMITA E BOCA DE PRATA: CATEGORIAS DE GÊNERO NO CRIME.....	 32
3.1 O contraponto entre Arlequina/Fiel.....	34
3.2 Boca de prata e Marmita.....	38
3.3 Meninos e Meninas no tráfico	39
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 42
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva analisar formas de sociabilidade de um determinado grupo social, a saber, as interações de gênero entre jovens envolvidos na facção Guardiões do Estado, GDE - que nasce no Bairro Conjunto Palmeiras, localizado na periferia da cidade de Fortaleza-CE, por meio de suas falas e imagens divulgadas na rede social Facebook.

A antropologia tem na etnografia uma importante ferramenta para entender culturas e fenômenos sociais através do contato com nativos, seja de uma comunidade, país ou de um grupo social específico. Nesta nossa pesquisa o campo é a internet. Deste modo, utilizamos como metodologia a etnografia virtual, também chamada de netnografia, pois no nosso entendimento os fenômenos sociais e antropológicos, na contemporaneidade, não têm mais como serem dissociados do uso da internet, sendo ela também um fenômeno social.

A diferença entre a etnografia tradicional e a netnografia é que na primeira a interação entre pesquisador (inserido no campo) e objeto de pesquisa se dá face a face e na segunda entre o pesquisador e o objeto há a mediação da tecnologia (computadores e celulares). Na etnografia a pesquisa pode se dar pela observação participante ou somente pela observação, o que as distingue é que na primeira o pesquisador se insere no campo participando e dialogando com os nativos, na segunda o pesquisador apenas observa e escreve suas impressões num diário de campo (ambas as formas se utilizam dele). Mas de qualquer forma o pesquisador está imerso no campo e o modifica com a sua presença (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011).

[...]a voz do antropólogo não é a voz do nativo porque uma coisa é o que o nativo pensa e outra, o que o antropólogo pensa que o nativo pensa. O ponto de vista do antropólogo é, pois, o da sua relação com o ponto de vista do nativo (Viveiros de Castro, 2002).

Aqui também o diário de campo é fundamental para registrar os fatos estudados, porém a diferença é que na etnografia o diário é escrito *in loco*, ou seja, no espaço e no tempo em que os acontecimentos surgem, e na netnografia o pesquisador “copia e cola” (recurso que o computador permite para transcrever os dados e as imagens encontrados) como registros do que acha em campo, e que será

depois analisado. Outra questão está no fato de que a internet “eterniza” os fatos, ou seja, algumas coisas ou dados podem não existir mais na chamada vida real, mas permanecerão ali à disposição de quem se interessar por eles. Assim: “hoje, experiências particulares, quando expostas na rede, correm o mundo em questão de instantes e, paradoxalmente, se perpetuam no contínuo do tempo virtual, que nada apaga ou perde” (SOARES & STENGEL, 2021, p. 4).

O uso da etnografia virtual como proposta metodológica desta pesquisa dá-se pela impossibilidade de inserção nesta facção, por questões de segurança da pesquisadora. Também se deve ao fato da interação entre as jovens ser pulsante nesta rede social; jovens envolvidos em uma facção cuja principal atividade é o tráfico de drogas e que vivem em situação de vulnerabilidade social.

A internet mudou de forma definitiva o modo como as pessoas vivem e socializam em todos os aspectos e, assim, o universo virtual e o real se entrelaçam. O campo social é também virtual e o contrário também se dá. Porém, o mundo virtual como fonte de pesquisa traz alguns desafios, como por exemplo extrair o que é construído para forjar realidades que convêm a determinados grupos ou pessoas. Nesse desafio procurei cruzar notícias de fontes diversas, falas dos grupos pesquisados e pesquisas anteriores para poder entender fatos que desenham realidades perceptíveis ou não, de muitos adolescentes e jovens que se relacionam a partir da ideia de pertencimento à facção de tráfico.

Em redes sociais e, principalmente no Facebook, através de perfis de envolvidos, é possível observar suas interações. Em muitas comunidades, de diferentes facções criminosas, no facebook, observamos diálogos explícitos, abertos aos membros ou pertencentes a tais comunidades. No entanto, por motivos de segurança, optamos por não participar de comunidades fechadas, uma vez que só são aceitos como membros aqueles que passam pelo crivo dos administradores dos grupos.

O Facebook é uma plataforma de interação que funciona a partir da exposição de seus afiliados em perfis e tem como finalidade reunir pessoas com mesmos interesses,

O Facebook surgiu em 2004, como uma evolução de um site anterior de Mark Zuckerberg, então estudante de computação em Harvard, chamado “Facemash”. O site consistia em relacionar fotos das

estudantes do campus, com opções para os visitantes darem notas e dizer quem era a mais sexy^[1].

Do seu surgimento até os dias de hoje, a plataforma se aperfeiçoou para trazer cada vez mais para seus usuários experiências de socialização mais próxima do mundo real; criando formas de comunicação que produzem modos de sentir-se diante de notícias e fatos ali publicados. Uma dessas formas é a ferramenta “curtir”, que representa aceitação, cumplicidade do que foi postado; podendo simplesmente sinalizar que viu algo ou gostou do que viu. Trata-se de uma transcrição de sentimentos que passam da indiferença até uma afetação maior pelo que ali está colocado. Por exemplo, diante de uma notícia de morte, a ferramenta “curtir” assume a forma de um emoji de carinha chorando¹. Detenho-me a essa explicação superficial, por não ser a análise do Facebook e suas ferramentas, o objeto da pesquisa.

Optamos pela netnografia que é a etnografia que tem como campo de pesquisa a internet, tendo como norteador da pesquisa o estudo *online* das comunidades ou o estudo das comunidades *online*, ou ainda ambos mesclados. Como nos diz Kozinets (2014, p. 42): “A pesquisa em comunidades *online* estuda alguns fenômenos diretamente ligados às comunidades eletrônicas e a cultura *online* em si, uma determinada manifestação delas ou de seus elementos”. Sobre a pesquisa *online* em comunidades. “Estes estudos examinam algum fenômeno social geral cuja existência social vai muito além da internet e das interações *online*, ainda que essas interações possam desempenhar um papel importante com a afiliação do grupo” (KOZINETTS, 2014, p. 65).

A netnografia é uma etnografia mediada pelas novas tecnologias, a saber, o computador e o celular, estabelecendo um novo campo (a internet) onde são estabelecidas novas formas de contato social e desses contatos nascem novos produtos culturais que não se descolam da vida social como um todo.

O comportamento *online* dos jovens faccionados encontra correspondência no mundo real. No Facebook, nas diversas interações observadas, os indivíduos se declaram pertencentes a esta ou aquela facção, conversam entre si sobre suas ações no mundo do crime e até possíveis assassinatos, sendo possível, também, ver parte de suas relações sociais dentro e fora da facção. Muitos ali exibem

1 <https://tecnoblog.net>

seus modos de vida e suas crenças. No entanto, pode-se dizer que se trata de uma reafirmação *online* do quanto estão comprometidos com a facção a qual integram.

Tendo como base metodológica a etnografia feita na internet (netnografia), para fins de estudo do tema, foi realizada uma análise social do fenômeno que, assim, consiste em uma pesquisa qualitativa, descritiva, cujas análises se deram à interdisciplinaridade, em especial, com a Antropologia.

A pesquisa objetiva uma análise de como jovens e adolescentes do sexo feminino se percebem no contexto do crime. O gênero aqui tem aspectos diferenciados, pois o machismo se faz presente nessas relações sob diversas formas, sendo evidente a dominação masculina, principalmente na questão de trazer a mulher como alguém a serviço do mundo masculino do tráfico, sob as diversas formas que exploram a vulnerabilidade dela.

O recorte étnico e social é relevante para entender relações sociais estabelecidas dentro da Guardiões do Estado, e aqui para outra possibilidade de análise dessas relações, tomamos como ferramenta metodológica a rede social, tomando por estrutura basilar o Facebook. Nesse sentido, as imagens expostas neste trabalho foram publicizadas pelos sujeitos de pesquisa, suas postagens, sentimentos, afetos, inimizades, pessoas decretadas à morte, sentimentos de luto, dor, tristeza, resistência, empoderamento, paixão, violência e morte são aspectos que serão encontrados nesta pesquisa.

Categorias como classe social, raça e gênero são relevantes para estudar o crime. A participação da mulher no crime não é novidade, no entanto, o envolvimento passional de adolescentes traz questões específicas que não podem ser negligenciadas e sublinham de forma indelével os estudos de gênero.

A escolha da GDE como “sujeito” de análise deve-se ao fato de se constatar que esta facção possui algumas peculiaridades, cuja principal delas é o fato de, a despeito das demais, existir menores de idade em posto de comando, fato que até bem pouco tempo atrás não era permitido.

Parte do apelo da GDE é sua estrutura flexível, sem hierarquia rígida, o que a torna mais atrativa para os jovens que têm dificuldades em

cumprir as regras das facções tradicionais. Abrindo seu leque para os pré-adolescentes, a GDE cresceu de modo avassalador². [2]

Ainda realizamos um levantamento bibliográfico sobre netnografia, gênero, etc., que serviram como vias de acesso para a compreensão das práticas interativas de um grupo criminoso que se localiza numa capital de grande porte da Região Nordeste. É nessa realidade que a pesquisa se funda, cujo campo social é a comunicação interativa e suas diversas formas, a saber, diálogos, fotografias e símbolos, que trazem significados dispostos na utilização das redes sociais.

Os caminhos da pesquisa foram trilhados através do facebook, mas também realizamos análise dos noticiários expostos na internet, que nos ajudaram a compreender algumas interações sociais nesta facção. Para o desenvolvimento do tema, este trabalho compõe-se de quatro capítulos.

No Capítulo I, intitulado “Uma breve história do Conjunto Palmeiras – onde nasceu a GDE”, fazemos uma breve descrição da história do Conjunto Palmeiras, onde posteriormente surge a facção, narrando as lutas dos moradores para tornarem o local habitável, o empreendedorismo feminino que ali se deu para tornar viável a sobrevivência e que depois veio a se tornar uma das economias solidárias mais importantes do país. No entanto, com as transformações sócio-econômicas que vive o local, é neste cenário que nasce a Guardiões do Estado, uma juventude periférica sem muitas alternativas e projeções futuras de melhoria de vida. Ainda neste capítulo apresentamos as reflexões de autores como Zaluar (2002) e Goffman (2004), que nos auxiliaram para reflexões sobre violência, pobreza e estigmatização da periferia, e seus moradores, pela sociedade envolvente.

No capítulo II - “O virtual e o real como dois lados do mesmo campo social”- realizamos uma descrição dos perfis de jovens supostamente envolvidos, direta ou indiretamente, na referida facção. Para essa pesquisa, foram escolhidos 07 (seis) perfis de mulheres; cujo principal critério na escolha de adolescentes do gênero feminino foi a autodeclaração no perfil, como envolvidos no crime; a escolha das

² In: Como formar crianças-soldados para o crime - Intercept Brasil. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/como-formar-criancas-soldados-para-o-crime/>> Acessado em 18/10/2022.

mulheres deu-se também pelo fato de se declararem na apresentação que têm companheiros envolvidos na facção.

O Capítulo III - “Arlequina, Fiel, Marmita e Boca de Prata: categorias de gênero no crime”- realiza uma análise dos perfis das jovens mulheres, por meio de personagens utilizados para suas apresentações na rede social. A Arlequina, por exemplo, é uma personagem jovem do mundo dos quadrinhos, que tem como companheiro o Coringa, um vilão perverso que a seduz a ponto de ela também se tornar uma criminosa. No referido capítulo, para uma reflexão mais aprofundada sobre a participação da mulher no crime, trazemos as figuras da Fiel, Boca de Prata e Marmita que, juntamente com a Arlequina, são algumas categorias para entender como a mulher é inserida no mundo do crime.

CAPITULO I – UMA BREVE HISTÓRIA DO CONJUNTO PALMEIRAS – ONDE SURGE A GDE

1.1 A Formação do Bairro

O Conjunto Palmeiras foi fundado numa parte do bairro Jangurussu, a partir da expulsão de moradores de várias zonas litorâneas da cidade de Fortaleza, ficando a cerca de 18 km do centro da capital. O bairro Jangurussu fica próximo aos bairros Itaperi, Messejana, Passaré, Pedras e Ancuri às margens do rio Cocó. A capital do Ceará está dividida em regiões administrativas, com 38 territórios, agregando bairros de condições socioeconômicas semelhantes. O bairro Jangurussu fica na Regional 09, Território 32. Trata-se da unidade regional mais populosa de Fortaleza, região composta por seis conjuntos habitacionais, que constituem o Grande Jangurussu: Maria Tomásia, Sítio São João, José Euclides, Santa Filomena, São Cristovão, Conjunto Palmeiras e João Paulo II.

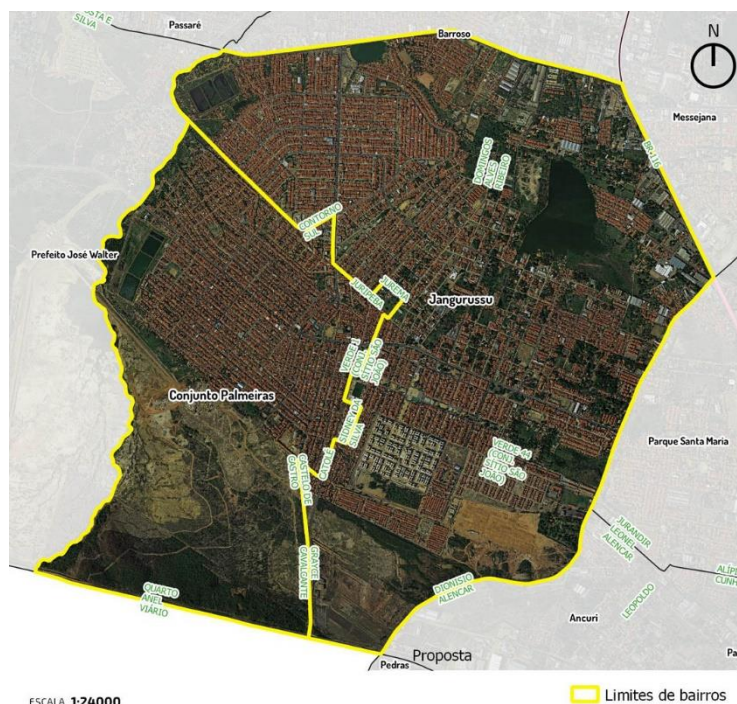


Figura 1: O bairro Jangurussu

Fonte: <https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/forumsterritoriais/forum/32/Janguussu>

Em 1973 famílias de pescadores foram expulsos por causa da especulação imobiliária nessa região. Expulsas e realocadas numa área em que havia muita lama, palmeiras e carnaubeiras, daí se origina o nome do conjunto Palmeiras. Tais pessoas se viram totalmente abandonadas e tiveram que começar a construir barracos com lonas onde passaram a viver. Não havia energia elétrica e nem saneamento básico. Assim:

A especulação imobiliária em Fortaleza vê a orla marítima como potencial, atendendo ao interesse do capital financeiro e projeta a cidade para o turismo na década de 1970, dando início a uma série de desapropriação de moradores e moradoras que ocuparam a orla marítima cearense. Sai os trabalhadores e trabalhadoras para dar lugar aos hotéis, prédios luxuosos e armazéns, contudo percebe-se a discriminação e a segregação socioespacial e racial ocorridas na década de 1970 com as populações mais vulneráveis, como negros(as), retirantes e pescadores(as). É quando vão ocorrer as desapropriações e as construções dos bairros mais afastados da praia e do centro da cidade, o que vai incidir de grandes lutas sociais pelo o direito e acesso à cidade, ainda pelo o direito de viver na cidade com o mínimo de dignidade (MATIAS, 2019, p.33).

Expulsos e realocados numa área inóspita, as pessoas foram acomodadas em um local de difícil sobrevivência para a época. Tais pessoas se viram totalmente abandonadas pelo poder público e tiveram que improvisar moradias precárias, sem energia elétrica e saneamento básico. Porém, uma vez ali instalados, houve a necessidade iminente de se reorganizarem como comunidade, através da ajuda mútua, para construir o que viriam a se tornar as casas e, por conseguinte, os lares das famílias.

Eles foram transportados em caçambas e despejados no local, onde só havia mato e lama. Os novos moradores foram acomodados em barracas de lona e em barracos de madeira, onde se amontoavam seis famílias em cada barraco. Na mesma época, em um terreno próximo, surgia o aterro sanitário do Jangurussu. Do lixão, muitos moradores do Conjunto Palmeiras passaram a sobreviver, condição que permaneceu por vários anos (<http://portaljangurussu.com.br/historia/> acessado em 30/10/2021).

De acordo com Paulino (2020), o bairro foi ocupado por migrantes de cidades do interior do estado, que buscavam na capital melhores condições de vida,

e são impulsionados a viverem em espaços urbanos precarizados. Esta realidade se assemelha aos demais processos de formação de favelas e bairros empobrecidos no Brasil, como é o caso de Fortaleza.

Neste sentido, Leitão e Delecave (2014) analisam processos de ocupações urbanas na baixada fluminense, Rio de Janeiro, e apontam que a crise econômica dos anos 80 e a crescente informalidade como alternativa a população mais pobre, o que limitava as chances de aquisição de moradias, o que liga-se ao crescimento de favelas em áreas urbanas de difíceis acessos.

O conjunto habitacional Palmeiras se origina com total falta de planejamento urbano, cujo bairro foi sendo construído pelos próprios moradores (MATIAS, 2019). A história do conjunto está ligada à construção da avenida Presidente Castelo Branco, na zona litorânea, nos anos 70, que ligaria a zona industrial ao Porto de Mucuripe. Para isso era necessário remover a população que ali vivia.

Quando esses moradores chegaram ao Conjunto Palmeiras, em 1973, se deram conta de que não haviam casas nem a mínima infraestrutura básica. O que havia era um brejo no meio do nada, com muito mato ao redor. A “Terra Prometida” pela Prefeitura de Fortaleza, não passava de um lugar inóspito, distante do centro, desprovido de beneficiamentos e de equipamentos públicos, sem energia elétrica, sem água, sem transportes ou vias de acesso. (<https://portaljangurussu.com.br/historia/> acessado em 18/08/2020)

O principal desafio era a sobrevivência nas condições inóspitas em que se encontravam. Vindos em sua maioria de zonas litorâneas, muitos viviam da pesca direta ou indiretamente e, como todo nativo, construíram suas relações em torno do lugar em que viviam. Vale destacar que houve muita resistência por parte das famílias, que foram retiradas à força das suas moradias. De início, um dos problemas mais graves era a manutenção dos seus trabalhos tradicionais. Pescadores se viram sem ter como atravessar a cidade (cerca de 8 km até a praia), numa época em que não havia transporte público que atendesse às demandas da população nas periferias. Tal fato atendia ao projeto turístico que, entre outras coisas, pretendia favorecer os comerciantes que ali se estabeleceram.

De acordo com Guimarães e Alves (2021, p 34), remanejados de áreas litorâneas, as pessoas foram levadas para a região de Jangurussu, lugar planejado para ser o aterro sanitário da cidade.

As famílias que vieram para o Conjunto Palmeiras vieram principalmente das comunidades Poço da Draga, Serviluz, Praia do Futuro, Alto da balança, Morro das Placas, Lagamar e Aldeota. Os moradores foram levados para a região do Jangurussu, quando não havia nenhuma condição de sobrevivência e que já era um bairro desvalorizado por ser sede do aterro sanitário de Fortaleza, iniciando suas atividades em 1970, lugar estrategicamente escolhido por estar longe do centro (Matias, 2019, p. 45).

Segundo o IBGE de 2010, o conjunto Palmeiras apresenta uma população de 36.599 de habitantes, sendo que deste total 78,7% se declaram pardos ou negros. O bairro tem o menor índice de desenvolvimento humano da cidade de Fortaleza. Desde o início do povoamento dessa região do Jangurussu, dos anos 70 até os dias atuais, os projetos de melhoria ou qualidade de vida das pessoas, por parte do poder público, são superficiais, havendo uma manutenção da pobreza nesses territórios.

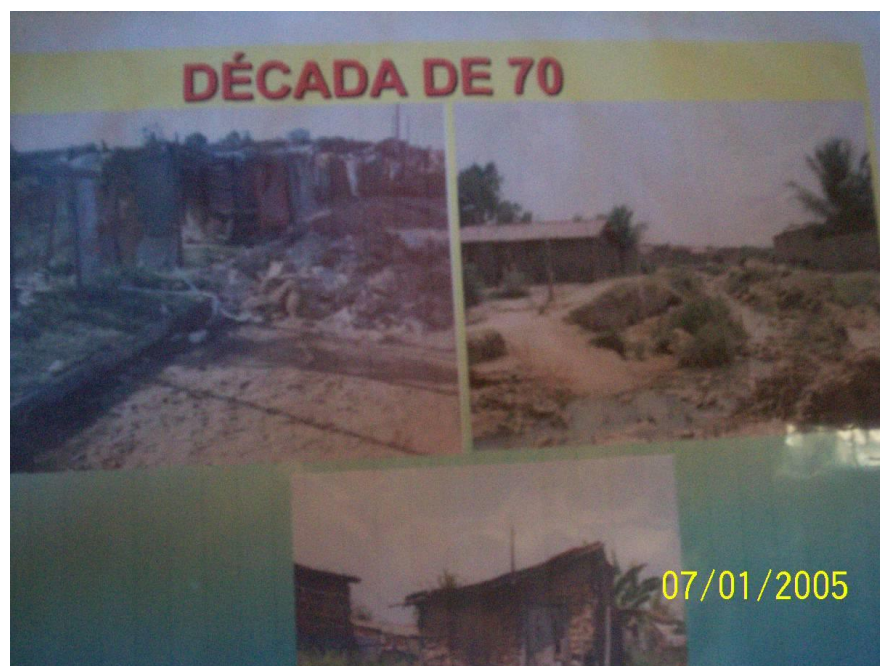


Figura 2: Área onde foram construídos o bairro e conjunto Palmeiras

Fonte: Banco Palmas

Em sua formação, a comunidade ali estabeleceu estratégias de sobrevivência. Posteriormente a aproximação com a igreja católica, ONGs e entidades

internacionais. Nos anos 80 a comunidade se organiza com a colaboração da Igreja, em especial as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e a formação de lideranças locais. Posteriormente a comunidade desenvolveu um novo tipo de economia local que os permitiu não somente sobreviver, mas construir um sistema econômico baseado em economia solidária que serviu de modelo particular do movimento negro.

A construção da Associação dos moradores tornou possível uma maior organização e mobilização política, a partir da realização de reuniões periódicas com seminários. O primeiro seminário chamou-se “Habitando o inabitável”, que trouxe à tona a necessidade iminente da pavimentação do bairro, que foi começado em 1990. Mas era preciso reconhecer que a urbanização era o primeiro passo para uma melhor qualidade de vida da população, porém, até então a extrema pobreza ainda era uma realidade presente, muitas pessoas ainda moravam em barracos e se encontravam desempregadas ou em trabalhos precários.

Em 1997 deu-se o II “Habitando o inabitável” cujo tema era geração de trabalho e renda. Essa foi a ideia seminal que deu origem ao Banco Palmas. Há vários trabalhos de pesquisa que contam detalhadamente sua criação, não nos ateremos a tal empreitada. Falaremos da importância deste para a comunidade do Conjunto Palmeiras.

Em suma, destaca-se aqui que as lutas sociais do Conjunto Palmeiras foram levantes importantes para a busca de soluções de uma comunidade sofrida e cheia de problemas sociais, enfrentados coletivamente pelo seu povo. Por isso, a luta e a organização social desse lugar nos fazem refletir a partir do quilombismo, a partir da ação e do levante negro dessa população, que urbanizou e construiu seu próprio bairro, geriu os seus próprios recursos, mesmo que não tenha consciência negra desse processo (MATIAS, 2019, p. 56).

As comunidades periféricas das grandes cidades são microcosmos paralelos dentro da urbe, com condições socioeconômicas diferenciadas das outras zonas da cidade, têm um modo bastante peculiar de se relacionarem, tendo como pilar a solidariedade de quem pertence a um território invisibilizado pelo estado e pelas instituições político sociais, o que torna as pessoas atreladas a relações interdependentes que possam garantir a sobrevivência das pessoas em detrimento às condições desfavoráveis do lugar.

Como já se sugeriu, quando o indivíduo compreende pela primeira vez quem são aqueles que de agora em diante ele deve aceitar como seus iguais, ele sentirá, pelo menos, uma certa ambivalência porque estes não só serão pessoas nitidamente estigmatizadas e, portanto, diferentes da pessoa normal que ele acredita ser (GOFFMAN, 1981, p. 34).

Segundo Goffman (1981, p. 45) “o que se sabe é que os membros de uma categoria de estigma particular tendem a reunir-se em pequenos grupos sociais cujos membros derivam da mesma categoria”. Assim, alguns grupos dentro dessas comunidades vão se formando com pessoas que vão reconhecendo que só podem contar com outros membros da comunidade, não tendo apoio ou aceitação social junto à sociedade majoritária, no tocante a recursos econômicos, educação, suporte para educação de seus filhos, etc.

1.2 A importância das mulheres na criação de um modelo de economia solidária

As histórias de muitas mulheres são recheadas de lutas e esperanças, pois são históricas as desigualdades de gênero em nosso país, quer seja em termos de trabalho, salariais, sexualidade, reprodutividade, etc. E como nos diz Carneiro (2003), em se tratando de mulheres negras ainda são vítimas de outras opressões, como a racial.

As mulheres da comunidade foram fundamentais na constituição de várias mudanças, tendo um importante protagonismo na construção do projeto Palmas, iniciativa reconhecida pelas entidades envolvidas. É sabido que as mulheres foram peça chave na implementação da economia solidária, na criação de incubadoras femininas de empreendedorismo, em diversos ramos, como alimentício, por exemplo.

Ainda de acordo com o discurso institucional, o perfil de “risco social e pessoal” atribuído às mulheres atendidas pela Incubadora Feminina evidencia as dificuldades de inclusão social deste segmento populacional se dão em função de uma série de fatores, que vão desde a pouca disponibilidade de tempo das mulheres para buscar uma qualificação ou mesmo de pleitear uma oportunidade de trabalho.

Além disto, sair de casa implica uma série de custos e recursos que na maioria das vezes elas não têm acesso, como o pagamento da tarifa de ônibus ou mesmo uma pessoa para cuidar de seus filhos enquanto estão fora de casa. E, mesmo quando uma mulher consegue alguma ocupação, em geral, a renda obtida é mínima (principalmente se comparada a dos homens, que é, conforme pesquisas da UNIFEM, em média, 30% maior). No caso da experiência estudada, agrega-se outro aspecto que é o da violência doméstica, que tem uma forte interferência na autoestima. Trata-se, portanto, de um público que vive uma situação bastante específica no quadro da exclusão social. (PAIVA, 2006, pp 74-75)

A luta dos moradores trouxe prósperos frutos, dentre eles uma economia forte que proporcionou uma melhoria na autoestima dos moradores do bairro e, principalmente das moradoras, mulheres que ganharam uma determinada autonomia ante os parceiros. Mesmo assim, a situação de vulnerabilidade social permanece, enquanto mulheres, moradoras de um território estigmatizado, pobres e pretas.

Mas as incubadoras deram-lhes ferramentas para que pudessem sair da situação de estar abaixo da linha de pobreza, e de serem dependentes financeiramente dos maridos e/ou outros familiares. Esta nova realidade trouxe como resultado a possibilidade de alcançar novos horizontes, na medida em que foram adquirindo capacitação financeira e intelectual, como previsto no projeto.

As mulheres beneficiárias dos programas sociais do governo foram as primeiras contempladas com os empréstimos. O Banco Palmas criou uma forte rede de mulheres empreendedoras, e tal empreitada foi decisiva no fortalecimento econômico local.

Basta a mulher apresentar o cartão do Bolsa família e realizar uma entrevista com o atendente do Banco Palmas para que ela tenha acesso a um primeiro crédito de até R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais) podendo ir evoluindo até R\$ 15.000,00 (quinze mil reais). Após receber 1º crédito a mulher se insere, automaticamente, no projeto ELAS e fica sendo acompanhada pelos Agente de Inclusão Socioprodutiva, recebendo pelo menos 1 (uma) visita mensal (Projeto Elas. Site Banco Palmas disponível in: <https://www.institutobancopalmas.org/projeto-elas/> acessado em 18/05/2020).

A história do Conjunto Palmeiras está definitivamente ligada ao sucesso do Banco Palmas e da economia solidária gestada e proporcionada por ele. No entanto, esse modelo foi interrompido por forças maiores que o capitalismo opera

ora de modo velado e ora de modo explícito, mas sempre atuantes na contemporaneidade.

O Banco Central era detentor de toda a movimentação financeira nacional e, embora o Banco Palmas contasse com parceria deste, não estava submetido ao Banco Central do Brasil. Este foi um dos fatores decisivos para o engessamento do Banco Palmas, tornando a sua independência limitada. Outro fator foi o fato do governo federal não ter criado leis que protegessem a economia solidária, ao contrário de alguns países da América Latina em que esta surgiu, diga-se de passagem, tendo como modelo a experiência do Conjunto Palmeiras.

Fragilizado pela falta de regulamentação e pelos processos movidos pelo Banco Central contra o Banco Palmas, algumas políticas públicas foram encurtadas e os empréstimos reduzidos. Menos investimentos são responsáveis se não pelo fim da economia solidária, mas determinantes para a limitação da sua atuação.

Posteriormente, durante os anos 2000, processos promovidos pelo Banco Central sob argumentos de que a moeda (palmas) não poderia concorrer com a moeda do país, o Banco Palmas perde sua força inicial; e com isso os habitantes do bairro têm suas finanças e potenciais econômicos reduzidos. Aqui vemos mais uma vez as garras do capitalismo atingindo minorias sociais: as grandes instituições controlam a economia de forma que a pobreza se torne também uma instituição a serviço da manutenção do perverso sistema de exploração dos pobres pelos ricos.

Para as gerações mais novas, infelizmente toda essa força econômica e social não tem o mesmo impacto que teve para as gerações que construíram o bairro e participaram ativamente na construção da economia solidária, uma vez que eles não só não participaram dessa ascendência como vivenciam a falta de oportunidades, as quais estão sujeitos todos os jovens nascidos nas periferias.

É sabido que na hierarquia da pirâmide social, as mulheres pretas e periféricas são as que mais sofrem abusos, sendo o fator econômico um importante aliado na luta pela sobrevivência. O Banco Palmas chegou e mostra possibilidades de mobilidade social, mas a descontinuidade da política financeira inviabilizou as gerações mais novas as perspectivas de uma vida melhor, dando brechas a instalação de facção de tráfico de drogas no local.

Quando o Estado se faz ausente em determinados territórios urbanos, presente apenas em operações policiais no intuito de “punir” seus moradores e

aumentar os índices de violência a que estão expostos, as facções criminosas encontram condições de controle territorial (ZALUAR, 1996).

Acreditamos que cada contexto deva ser observado de acordo com suas particularidades, mas este caso aqui estudado se assemelha a outras comunidades urbanas brasileiras (ADORNO, 2002), que convive cotidianamente com a pobreza e a violência, surgidas por políticas de reassentamentos efetivados pelo poder público, que desloca pessoas de diferentes áreas para viverem num mesmo lugar.

Com a expansão urbana, o conjunto Palmas se transforma em mais uma das regiões urbanas precarizadas, em zonas de moradia precária, com sérios problemas de infra-estrutura, habitação, educação, saúde, segurança pública, etc. Para enfrentar este cenário a luta da comunidade foi sempre exemplar, o que se tornou visível com a criação do Banco Palmas, e do protagonismo feminino nestas lutas.

No entanto, com a perda dos investimentos do Banco Palmas, a comunidade voltou a conviver com a falta de perspectivas, levando a buscarem o mercado informal como alternativa de sobrevivência. Esse tipo de conformação local leva ao acirramento das disputas internas e o comércio ilegal de drogas como referência de ocupação para os jovens.

A relação entre habitat e violência é dada pela segregação territorial. Regiões inteiras são ocupadas ilegalmente. Ilegalidade urbanística convive com a ilegalidade na resolução de conflitos: não há lei, não há julgamentos formais, não há Estado. À dificuldade de acesso aos serviços de infraestrutura urbana (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, difícil acesso aos serviços de saúde, educação, cultura, creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desabamentos) somam-se menores oportunidades de emprego, maior exposição à violência (marginal ou policial), difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer, discriminação racial. A exclusão é um todo: social, econômica, ambiental, jurídica e cultural (MARICATO, 2003, p. 1).

Não é nosso objetivo criminalizar a pobreza, mas destacar que autores como ZALUAR (1985), enfatizam que o aumento da violência e da criminalidade, principalmente nos bairros pobres e periféricos, liga-se ao tráfico de drogas e de armas, e o surgimento de facções criminosas.

CAPÍTULO II – O virtual e o real como dois lados do mesmo campo social



Por se tratar de uma pesquisa realizada com o uso da netnografia, buscou-se transpor, na pesquisa, as observações oriundas do campo, analisando a rede social Facebook e pensando como esses adolescentes se apresentam na mesma e se associam-se a criminalidade.

2.1 Adolescentes: reflexos e reflexões a partir de uma rede social da internet

Observamos um linguajar próprio nas interações sociais, sobretudo por meio dos conteúdos postados e nos comentários feitos, na rede social pesquisada. Algumas expressões usadas nos diálogos dos envolvidos como “*pau no gato sem massagem*” nos chamou atenção, que consiste numa expressão largamente usada para imprimir um caráter violento à morte, pois não basta matar, tem que matar com requintes de crueldade, conforme apontam os integrantes da GDE.

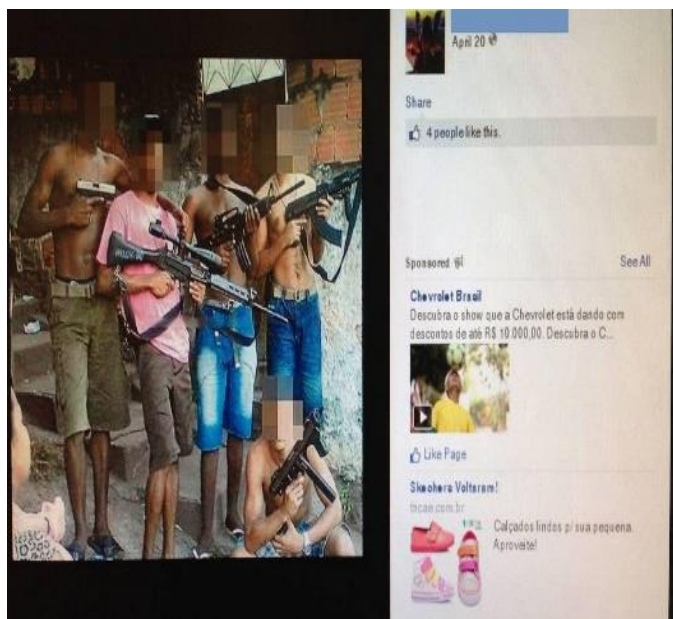


Figura 3: Jovens e suas armas/ameaças

Fonte: <https://www.facebook.com/Tráfico-Das-Comunidades-7-1132606396917304/?>

De acordo com o Atlas da Violência (2019), na última década, as dez capitais brasileiras que tiveram maior crescimento da violência letal estavam localizadas nas regiões norte e nordeste do país. Em 2017, a região metropolitana de Fortaleza se sobressai como uma das mais violentas do nordeste. O Atlas cita a Guardiões do Estado (GDE) como uma das quatro facções mais predominante no estado do Ceará; “que se consolidou em 2017 e ficou nacionalmente conhecida pela chacina das Cajazeiras”, sendo aliada do PCC, no confronto contra outras³.

Analisando a violência juvenil em Roraima, Oliveira (2017) demonstra a correlação entre as desigualdades sociais, e também territoriais, que criam vulnerabilidades sociais e é fator importante no ingresso dos jovens à delinquência e nas facções criminosas, o que termina em mortes violentas em diferentes estados do país.

Mas é importante analisarmos, mesmo que brevemente, como a expansão das facções criminosas vai se dando no mundo virtual, numa sociedade marcada pela virtualização da vida em todos os seus setores. Como aponta Castells

³ A Chacina de Cajazeiras foi uma briga entre facções ocorrida em 2017, cujo ataque se deu na localização da área do Forró do Gago, que era dominada por um grupo rival e a facção, que encomendou o ataque queria tomar o território para traficar drogas, segundo a investigação do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), deixando 14 pessoas mortas, dentre as quais 08 eram mulheres jovens.

(2009), no mundo contemporâneo as fronteiras se expandem e as ações podem ser comandadas de qualquer lugar, o que se faz acompanhar das facilidades de ter armas de fogo e outras similares.

E esta virtualização é muito forte entre os jovens da GDE, que acesam amplamente a internet, muito utilizada também por organizações criminosas, como milícias, facções e gangues, se tornando, no caso brasileiro, cada vez mais presentes dentro e fora dos presídios.

E a rede social Facebook é a mais popular e usada por esses jovens, empregada como ferramenta para estabelecimento de suas interações sociais e o fortalecimento das relações com das facções criminosas nacionais, como vemos no decorrer deste capítulo.

Nos chamou atenção o uso da palavra “*decretado*” que é a forma como chamam àquelas pessoas que estão “*marcadas*” para serem mortas. Decretar, pois, significa “*marcar para morrer*.” Expressões como esta são amplamente usadas nas redes sociais e, sobre isso, chama atenção que os “*decretados*” têm suas fotos exibidas para que outras pessoas, do grupo, os conheçam e os executem.

2.2. As Arlequinas

Verificamos que em relação às pessoas “*decretadas*” também estão mulheres, e que esta ameaça a ser cumprida não faz discriminação de gênero. Boa parte dessas meninas estão na faixa etária entre 10 e 19 anos (Relatório Cada Vida Importa: Meninas no Ceará, 2020, p. 28), e não era envolvida com tráfico de drogas ou com outros tipos de crime, mas por ter tido algum tipo de relação com envolvidos na criminalidade passam a ser também envolvidas, podendo ser desde relacionamento amoroso, parentesco ou mesmo amizade, que fazem delas “*inimigas*” da facção rival, então surge, para o grupo, a intenção de eliminá-las.

Os perfis foram selecionados a partir da declaração das jovens a adesão à facção. Observou-se em perfis que as mesmas se auto-declararam “*Arlequinas*” ou “*Alerquinas*” conforme se denominam. Mais adiante daremos detalhes do que significa a escolha da personagem Arlequina.

A seguir, apresentamos os perfis publicizados no Facebook de meninas, escolhidos a partir de suas apresentações e ligações à facção, de forma direta ou indireta:

Figura 4: perfil de Lavyny GDE - Captado em 10/03/2019



Fonte: <https://www.facebook.com/irmaazinhas.mascarada>

Figura 5: Perigosa GDE, captada em 8/03/2019



Fonte: <https://www.facebook.com/perigosa.gde>

A seguir descrevemos os comentários nas postagens, com figurinhas que, simbolicamente, representam a morte dessas meninas:

Tá 3 Tá Lindhu♥745
 Deus👤
 Nois matar💀
 Até a última gota de sangue🔪
 É 745 passa Nada🤔👁

Estas imagens foram publicizadas no Facebook, e o fato de estarem representadas na figura da Arlequina permite que as traga, de forma a não identificar a face, conforme às previsões no Estatuto da Criança e do Adolescente no que se refere à imagem dos adolescentes.

Curioso que a fé é algo frequente nos perfis, provavelmente pelo risco sempre iminente da morte. A simbologia do significado de Deus é dada pela religião da maioria das pessoas, é a ele que recorrem quando o perigo se aproxima, para pedirem e agradecerem coisas materiais e imateriais (saúde, amor, etc.). A oração é o meio encontrado para os pedidos em geral, servindo como meio de expressão e de comunicação a fé também está exposta na internet.

A expressão “*Nois matar*” refere-se à facção rival, e aqui sinaliza o coletivo dos que a pertencem; tidos como pessoas a serem extintas, assassinadas. Em plena disputa de mercado de entorpecentes, a afirmação fala como o sucesso de uma facção depende da aniquilação dos componentes da outra. O tráfico utiliza-se dos seus integrantes cooptados na periferia.

Observa-se que o “*sangue*” nos comentários tem um forte significado, pois a facção é “*tudo*” para seus integrantes, representa a família que escolheram, é a sua ideologia política e o que dá significado para suas vidas. Em muitas comunidades periféricas, onde as relações sociais são pautadas pela cooperação e pela interdependência, os laços adquiridos nesta forma de pertencimento são muito fortes, o que requer uma adesão total, incluído aqui até mesmo o direito a vida ou a certeza que a morte não tardará.

A denominação “irmão”, utilizada pelas facções criminosas, reforça as ideias de solidariedade e de pertencimento dentro dos grupos criminosos. Ainda, carrega significados múltiplos, sendo, inclusive, utilizada por integrantes de igrejas e membros de lojas maçônicas para designar uma expressão de união, coletividade e fraternidade (Nogueira, et.al, 2020, p. 132).

Observamos que os corpos são muito significativos, marcado pelas questões de gênero, raça e classe. As motivações para homens e mulheres entrarem nas facções são distintas, mas trará marcas em seus corpos, ligados ao mundo que estabelece a ordem do pertencer.

Sendo uma empreitada dotada de toda a representação simbólica que o território traz, inscrito na sua gênese, os membros da GDE são pessoas que moram numa mesma comunidade. Mas o tráfico cria o sentido de família e adota estes jovens, que reproduzem seus sistemas de crenças para essa nova realidade familiar. “*Até a última gota de sangue*” significa lutar até a morte pela família do tráfico (a facção).

Por fim, 745 são as posições das letras no alfabeto onde estão às letras GDE, onde “passa nada” sem que a GDE não saiba e que não há como, sendo rival, um indivíduo entre na comunidade onde a GDE está instalada.

Vimos na figura 4 um rosto maquiado tendo a figura da Arlequina como referência, algumas meninas usam essa personagem, que é do filme “Esquadrão suicida” (2016). Trata-se de uma psiquiatra que apaixona-se pelo vilão Coringa e torna-se tão criminosa quanto ele:

Uma super-vilã louca, sexy, sedutora, e ex-psiquiatra. Robbie descreveu Quinn como um dos membros mais imprevisíveis do Esquadrão, e seu relacionamento com o Coringa como “incrivelmente disfuncional”, acrescentando que Quinn é, “louca por ele - tipo, literalmente louca. Ela é insana. Mas ama ele. E é um relacionamento realmente nada saudável. Mas é viciante.”⁴

Este filme de 2016 tem um forte significado para os envolvidos nas facções, pois a estética do Coringa foi inspirada nos chefões mexicanos do tráfico. A Arlequina é, portanto, a sua versão feminina. No perfil de outra jovem temos a seguinte apresentação:

- Vou Vencer Na Vida Mãe Eh Dar Orgulho Ah Senhora
- Rauanny Viida Minha
- Brena Irmã
-745.Ate.Oh.Fim

O ingresso no tráfico muitas vezes dá-se com o rompimento com a família biológica, mais precisamente com os pais. No entanto, no caso acima

⁴[https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquadr%C3%A3oSuicida_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquadr%C3%A3oSuicida_(filme))

percebe-se que a figura da mãe é muito valorizada, por isso o desejo de “dar *orgulho à mãe*”, o que observou-se em vários perfis analisados. Muito embora se possa dizer que a dona do perfil não seja alguém, necessariamente, envolvida com o tráfico, pode tratar-se de simpatizante da facção.



Figura 6 - Branquinha Problemática (Branquinha da Gde) – captada em 15/03/2019

Outra questão a ser levada em consideração é o local onde Branquinha da GDE reside, no perfil consta com visitas ou mesmo morar na Cidade Jardim, que é um residencial situado no bairro José Walter. Atualmente as facções se instalaram em bairros e seus moradores têm que mostrar a adesão a elas, caso isso não aconteça pode ser visto como adesão à facção rival. Fato bastante explorado na mídia foi quando moradores de determinados locais foram intimados a abandonarem suas casas porque determinada facção iria se instalar no local. Outra notícia veiculada foi que facções estariam alistando jovens e que aqueles que não concordassem com isso teriam que sair imediatamente da comunidade.

Como aponta Mafesoli (1998), a rivalidade entre as facções criminosas desenvolve disputas e, também, a adesão ou sentido de “pertença”, que revelam o espírito de um grupo, solidarizando-se com os pares e rivalizando com os distintos.



Figura 7. Srta [Allerkiinah DoOh Mall](#)

Na sua apresentação, a Sra Allerkiinah Dooh Mall se diz simpática, mãe, e “*Beem casada*” com *marido ciumento*, o “[Eow Tall Do Zé Droquinha da Gde](#)”. Aqui mais uma vemos referências nas fotos (pelos 3 dedos) ao pertencimento à facção. Já o “*100 simpatia*” significa que ao se confrontar com pessoas da facção rival haverá confronto violento, sem nenhum tipo de “*piedade*”.

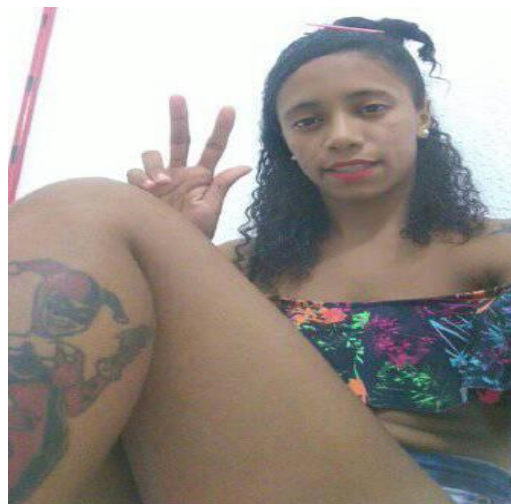


Figura 8: Tatuagem de Alerquina

Fonte: https://www.facebook.com/ingridy.nanaingridy?_tn=%2Cd-j-h-R&eid=ARD_h6FVbITIP8e1sLLipba4UaiGrYHqXCf43g1FA8vgT5J3rlqjOAZkrpyjCCziaEaZPT8O_sOTuowO

Observa-se que muitas dessas jovens postam coisas relacionadas a relações afetivo-conjugais, e a importância deste reconhecimento em seus círculos de

seguidores. Segundo Alice Bianchini, o que motiva mulheres a serem traficantes ou enveredarem no mundo das facções são as “relações íntimo-afetivas”, para dar alguma prova de amor ao companheiro. É o que vimos em uma das apresentações do perfil de Allerkiinah Dooh Mall⁵:

“O q euh n faria pra esse amoo vencer,
Q louca eu seria de perde vc,
sem oh seu carinho euh n souh ninguém ,vc me faz tao bemm....”

Nas relações românticas, ao se declarar “pertencente” a um homem, a mulher, de modo geral, abre mão da possibilidade de ter uma identidade própria, ela será o que ele permitir que ela seja. Dentro do mundo do crime há agravantes, pois é difícil escapar ilesa, caso decida romper com a relação. No caso de ter filhos, possivelmente estes serão penalizados com a ausência dessa mãe.

Figura 9: Declaração de Alerquinas



⁵ Ao longo das observações as apresentações foram, por vezes, mudando.



Figura 9: Declaração de Alerquinas

Aqui vale uma consideração: as meninas sofrem castigos cruéis quando postas em desconfiança, isso quando não são condenadas à morte, ao cometerem um ato de “talaricagem”, que é o fato de se encontrarem com outros rapazes. Sendo o talarico alguém da facção rival, possivelmente elas serão mortas.



fonte: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100015600104763>

Figura 10: Menorzinha Da Gde

Mais uma vez vemos perfis com garotas que tomam a personagem para criar sua identificação no facebook. Este perfil traz a figura da Arlequina exaltando a sua parceria com o Coringa, seguido do símbolo dos três dedos que representa a GDE.

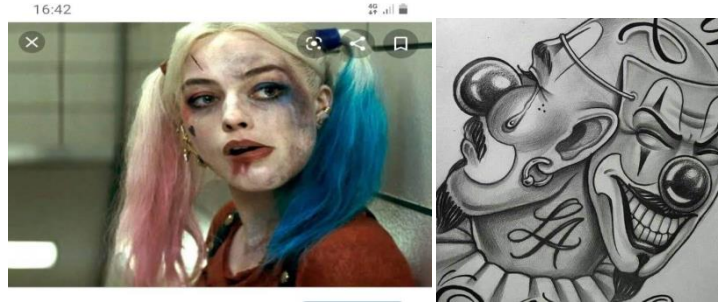
“SAI DO MEU FACE VADIA
E BALA NOS CVCU.5CU E BALA EM TUDO QUE NÃO FECHA COM
O 3ZAO.
GDE ATÉ A MORTE”.



Fonte: <https://www.facebook.com/maico.santos.3557>

Figura 11: Matadora de CVCU (capturada em 2018)

Podemos verificar que a sexualidade também é algo exposto em redes sociais. A clara exposição, com estilos que se utiliza de linguagem, meio vulgarizado na população que delineia uma exposição da sexualidade desses jovens adolescentes muito recorrente. Do ponto de vista da lei, em especial, do Estatuto da Criança e do Adolescente, essa exposição confronta-se com a proteção dos corpos desses jovens. Nesse sentido, compreendo que, embora muitas vezes o Estado mantenha uma moralidade e controle social sob os corpos dos juvenis, a inércia, no sentido de não agir, é visível nos casos de facções criminosas, como nos casos de mortes ou outras violências, o que consiste em legitimar um discurso histórico sobre o corpo negro, haja vista que impacta de modo diverso e de forma mais violenta, a depender dos marcadores sociais de raça, gênero e sexualidade (DAVIS, 2016).



Fonte: https://www.facebook.com/xiineizinha.gde.1?_G

Figura 12: Xiineizinha Gde Gde (Da lagrima)

Em sua apresentação Xiineizinha GDE regista Jackson como seu amor e atesta:

Ou Colaa Com Noiix □□□□ **Ou Corree Dee Noiix** 🙌□□

Com o ingresso no mundo do crime, os jovens buscam o pertencimento, o status e condições financeiras dificilmente alcançados numa sociedade que os estigmatiza e os classifica, baseado em preconceitos raciais e sociais.

Lançar sobre uma pessoa um estigma corresponde a acusá-la simplesmente pelo fato de existir. Prever seu comportamento estimula e justifica a adoção de atitudes preventivas. Como aquilo que se prevê é ameaçador, a defesa antecipada será a agressão ou a fuga, também hostil (SOARES, 2004, p. 133).

Quando falamos de juventude e violência, temos que ter cuidado para não fazer uma primeira associação sem analisar de qual juventude estamos falando e de qual tipo de violência. Há muitas formas de ser jovem, assim como há muitas formas de violência. Ser jovem nas classes menos favorecidas indica, em muitos casos, vidas atravessadas por múltiplas violências, o que pode levar a recorrer também à mesma, para tentar escapar dela, por mais paradoxal que isso possa parecer.

O ingresso de jovens no mundo do crime dar-se pela cooptação das facções, no entanto entre as meninas têm outros fatores que perpassam as questões de gênero. É fato que as mulheres negras e periféricas são as mais vulneráveis, e é sobre elas que recai o maior número de estigmas, que as classifica e as limita no que tange à possibilidade de mobilidade social. Se o tráfico se apresenta, de várias formas,

como uma possibilidade real de ascensão, as meninas não necessariamente são atraídas pelos mesmos motivos que os meninos.

O reconhecimento, pelos homens, e o respeito adquirido em face das demais mulheres também é motivação para levá-las ao crime, o que, por sua vez, representa uma forma de obtenção de poder e de ascensão social. Trata-se de uma maneira de ser reconhecida como parte integrante desse grupo, bem como de receber proteção e respeito na comunidade; ou sobrepor-se às demais mulheres (Barroso & Bianchini, 2012).

A categoria “arlequina” traz embutida uma ideia de feminismo distorcida, pois ao se declararem pertencentes à facção, é possível que encontrem um determinado empoderamento. A utilização da figura da Arlequina permite marcar esse pertencimento, em torno de símbolos variados como armas, dedos e muitas ameaças.

Nos perfis do facebook é possível ver informações complementares, e muito importantes, como a baixa escolaridade, e fotos que têm ao fundo cenários de pobreza nas casas e ruas sem asfalto, sem saneamento básico, etc.

O ponto em comum (com a personagem) é marcado pela intensidade com que vivem uma sexualidade prematura e o fato de muitas vezes também sofrerem violência. Mas toda essa condição é vista por essas meninas como “pertencendo a um homem”, a quem juram amor eterno (*até depois do fim*), como a Arlequina.

CAPÍTULO III – ARLEQUINA, FIEL, MARMITA E BOCA DE PRATA: CATEGORIAS DE GÊNERO NO CRIME

A história da mulher no tráfico de drogas comumente esteve atrelada à atuação masculina. São esposas, companheiras e namoradas, em sua maioria, as que se envolvem com esse tipo de atividade (BARCINSKI; CUNICO, 2016). As mulheres, por ocuparem as posições mais precárias na divisão sexual do trabalho e no tráfico de drogas, tornam-se mais vulneráveis à repressão policial, além disso, são condenadas com altas penas por serem esposas de pessoas ligadas ao crime e pela atividade de transporte, através do próprio corpo, de substâncias ilícitas; e ainda por assumirem a gerência das “bocas de fumo” e de cargos de liderança antes exercidos pelos companheiros, agora encarcerados no sistema penitenciário (ESTRELA, 2021, p. 73).

No caso específico da GDE observamos meninas também em postos de comando, muito embora em número bem menor do que os meninos. A este respeito, Barcinski; Cunico (2016) apontam a necessidade de considerarmos, para além da vitimização das mulheres, por meio da pobreza, que se observe seu protagonismo, ocupando lugares e funções tradicionalmente desempenhadas pelos homens na rede do tráfico de drogas; o que nos leva as questões de gênero e ao modo como homens e mulheres são associados, de formas distintas, a certas atividades:

Portanto, é possível afirmar uma forte articulação entre masculinidade e violência, o que faz com que atos violentos perpetrados por homens sejam vistos como resultantes da própria condição do masculino. Sendo assim, num contexto em que se legitima a associação entre o ser masculino e o ser violento, “as relações de gênero podem ser construídas e reproduzidas a partir de uma lógica de que a violência seria a referência para se diferenciar o homem da mulher” (Gomes, 2008, p. 240, apud Barcinski; Cunico, 2016, p. 63).

Analisando os perfis e conversas expostas com outras pessoas, observamos casos interessantes e bons para pensarmos. Por exemplo, o caso de uma jovem, em idade escolar, que resolve ingressar num nicho dominado por homens, cujas vidas estão literalmente ligadas ao perigo e à iminência de morte.

COSTA (2016) aponta que algumas mulheres fazem uso de um discurso e de práticas afetivas e amorosas como motivo da inserção na vida criminosa. Muitas dizem que a relação afetivo-conjugal justifica atos ilícitos; e mais do que isso, ser companheira, esposa, amante ou namorada torna a ilicitude dos atos justificável. Nesse caso, sobrepuja ao ato ilícito, a mulher comete tais atos por “*ser fiel ao companheiro*” ou, em última análise, para sustentar os filhos enquanto este está preso, morto ou foragido. Tal percepção acaba por transformar o ilícito em lícito, dando outro significado ao que é considerado crime.

Como vimos, as “alerquinas” são meninas pobres e moradoras de comunidades carentes. A periferia tem cor, historicamente marcada pelo colonialismo, a cor preta se sobressai na população de ambientes espaciais periféricos. São históricas as raízes “que determinam o “seu lugar” e o “seu não-lugar” (CARNEIRO, 1995). Assim, como aponta Sueli Carneiro (1995), o lugar da mulher negra é a cozinha, antes, “a mocama, a mãe-de-leite”, hoje, “a empregada doméstica”. E, no festival do aprisionamento, o “seu lugar” (CARNEIRO, 1995) tem sido as prisões, conduzidas sob a Lei de Drogas, o maior instrumento do Estado de segregação social. Os presos de maneira geral são vítimas de um regime racializado (ALVES, 2014).

Lélia Gonzales (1983, p. 223) abaliza que o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, o racismo e o sexismo se articulam na produção de efeitos violentos sobre a mulher negra, em particular, aponta a autora. A mulher que “segura a barra familiar praticamente sozinha” (GONZALES, 2011, p. 9). Nessa propositura, o tráfico de drogas tem sido usado para fins de sobrevivência. Ressalto que não estou a criminalizar a pobreza, seria uma estigmatização num trabalho acadêmico. No entanto, é fato que as estruturas socioeconômicas limitam suas chances, sendo o mote dessas mulheres no ingresso do tráfico de drogas, quer seja por adesão a vida dos companheiro, quer seja por opção pessoal.

Então, se fatores estruturais podem refletir na escolha de parceiros ligados ao tráfico de drogas, questões de empoderamento e visibilidade também são significativos, pois ser “*mulher de patrão*”, chefe da boca de fumo, como pronunciado no meio da criminalidade, consiste em uma condição de poder.

No Facebook observou-se que muitos casais, bem jovens, alguns menores de idade, demonstram total envolvimento com a GDE. E outras meninas observadas estão em busca de parceiros: “*brota o mais solteiro*”. Algumas dessas

meninas exibem fotos com trajes íntimos, denotando uma hipersexualização de seus corpos de forma precoce face à pouca idade que possuem. Sexo constitui um elemento na construção da feminilidade dessas meninas e uma “arma” na busca por parceiros.

Para as mulheres, a beleza também sempre teve um papel relevante na construção dos estigmas criminosos. No caso dos crimes ligados à sexualidade, como a prostituição, a beleza era considerada definidor para medir a periculosidade da mulher, em outros casos, a aparência física era utilizada para minimizar situações em que a mulher era autora de crimes (Faria, 2008, p.165).

As meninas da GDE sabem que sexualidade e pouca idade são atributos importantes para entrada na facção, especialmente quando ligadas ao matrimônio com algum homem da mesma. Mas também exibem uma forte atração de se mostrar nas redes sociais como corajosas, contraventoras das convenções de gênero que dizem que a mulher é o “sexo frágil”, especialmente quando ocupam posições comumente atribuídas a homens.

3.1 O contraponto entre Arlequina/Fiel

Na netnografia apareceu em algumas Comunidades do Facebook à noção de “*fiel*”, que se contrapõe ao termo “Arlequina”, embora ambos designem companheiras de envolvidos com crimes. A *fiel* é aquela mulher companheira, que se dispõe a cuidar do marido e viver para ele, mesmo este estando preso. É ela quem acompanha o processo criminal, constitui advogado, leva o “*jumbo*”, como é chamado o pacote de alimentos e itens básicos de higiene que é levado pelas mulheres nos dias de visita, entre outras responsabilidades que ela assume em nome do casamento.

E ainda sobre a *fiel*, esta pode, ou não, estar envolvida no crime. A pesquisa feita nas comunidades do Facebook aponta que algumas apoiam o marido, mas não o crime que este possa ter cometido; e muitas crêem em sua inocência. Tais mulheres muitas vezes têm suas vidas pautadas pelo envolvimento com presidiários, muitas têm empregos informais por conta dos horários e dias de visita, afinal o preparo

de tudo ocorre com bastante antecedência para que tudo corra tranquilo no dia marcado.

Já a Arlequina é aquela jovem que está ao lado do namorado ou companheiro de forma incondicional, mesmo que lhes custem a vida ou a liberdade, e não se fazem de rogadas, pois muitas participam dos atos ilícitos ao lado destes. Algumas estão ameaçadas de morte, seja pelo fato de seus parceiros não admitirem que elas o deixem ou pela facção rival, que as seqüestram e matam; ou ainda pelas perseguições policiais. Estas não têm ilusões sobre a participação de seus amores em atos criminosos.

Observemos um caso de uma mulher extraído da netnografia, caso de morte atribuído a infidelidade, usado como justificativa da execução da jovem. Infelizmente as redes sociais também são espaços onde isso também é publicizado, embora também, seja local de catarse pela dor da morte de entes queridos. Destacamos que neste trabalho os casos apresentados são os publicizados em redes sociais, lugar em que as pessoas não se opõem em revelar os acontecimentos em torno de crimes. Segue:

Liberdade e a Meta PJJL Brasília-Df

1 de fevereiro às 09:54 ·

#Escrito_Por_NathaliaXsandro

CASO DA HISTÓRIA PRA QUEM ESTA JULGANDO MINHA AMIGA LE E ENTENDA ELA MORREU INOCENTE⁶

Ela tinha 2 face e povo fica julgando sem saber da metade da história. Esse face de casada não era dela era dele e ele tava mandando carta pra ex mulher dele, ela estava indo visita ele todo fim de semana na onde ela disse que não ia aceita isso mais! A família dele não gostava dela por causa de dinheiro depois que ela já tinha conversado com ele, ela fez esse outro Facebook. Ela já tinha ido termina ! Ai ela foi lá pra termina com ele e ele não estava aceitando até chorava na visita e ela tá com dó dele porque falou se não ficasse com ela ele iria se matar aí ela estava indo ! Mais mesmo assim o pessoal dele invés de evitar o pior porque sabia que ela já tinha feito a parte dela de passar pra ele que ela não iria, mais mandou a foto dela com amigos passando pra ele, lá dentro da forma errada onde causou isso pra minha estrelinha! Não merecia passa por isso, Nicolly Sapucci te amo ☐amiga vai em paz ! Vc foi morta injustamente de forma fria e cruel Deus viu Deus sabe de tudo e único que temos que temer e ele porque naquele grande dia ! O senhor julga nossa causa e dela ninguém irá escapar menina doce nunca fez mal a ninguém pra pessoas ficarem julgando ninguém tem direito de falar sem saber o que ouve tô ficando revoltada com essa

⁶ Citação fiel a postada na rede social.

sociedade que se alegra com a morte de uma pessoa,! Povo desumano não e porque temos pessoas da nosso familiar preso que temos culpa do erro deles ! Ninguém sabe o dia de amanhã. Cuidado com as palavras amanhã vc pode sentir o efeito delas ! Ninguém merece passar por humilhação todo final de semana pra vê seu ente querido que se encontra privado e passar por isso ninguém sabe como e só quem passa sabe parem de criticar tenham mais respeito cadê o amor com próximo gente uma vida que se acabo por causa de fofoca ! E maldade parem de falar coisas que vcs não sabem lixo de seres humanos estou revoltada com isso que está acontecendo ele acabou com a vida de uma menina alegre que sempre lutou pelo seu filho e aliás por ele que tava ramelando com ela que tava lá naquele inferno todo final de semana ! Ele acabou com minha amiga ninguém conseguiu reconhecer ela porque ele desfigurou ela todinha nois estamos sofrendo pela morte dela e tbm por comentários toscos que fica julgando a morte de uma inocente fica chingando a menina que morreu de forma brutal meu Deus que mundo esses que estamos vivendo Maycon um ser ingrato que acreditou na fofoca da família dele que não teve nenhum um pouco de dó da minha amiga tudo isso por causa de dinheiro ! Povo escroto uma moça nova bonita deixou um filho de 4 anos. O que será desse menino vendo o povo falando mal da mãe que morreu convardeamente dentro de um lugar que tinha que ter proteção ele não deu nem oportunidade dela explicar gente a foto que ela posto com esse moço era amigo de infância meu Deus como as pessoas podem tirar sarro fazer comentários ofensivos perante uma situação dessa gente RESPEITEM A MORTE DA MINHA AMIGA SOCIEDADE DE MERDA gente essa são minhas palavras eu convivi com ela ! Essa e história já coloquei em vários lugares por favor meninas não julgem ela morreu inocente imagino vc visita o cara todo final de semana e o cara ainda te trair de dentro da cadeia ! Ela morreu por fofoca de gente que não gostava dela e mandou as fotos lá dentro na maldade ele não deu oportunidade para ela se explicar ela tinha amigos ! Ela era linda antes de se envolver com esse mostro ela arte gravava vídeos para clip com Mc's ela tbm tem amigos não e por que ela tirou foto na lancha que ela tava traindo ele ela saiu com amigos então não julgem por aparência vcs estão fazendo a mesma coisas que fizeram contra ela lá dentro da unidade prisional FOFOCA RESPEITA O LUTO DA FAMILIA DOS AMIGOS NICOLLY GUIMARÃES Nicolly Sapucci EU TEAMO para toda Eternidade ☐ vamos sempre levar esse sorriso ☐ (Depoimento retirado do Facebook)

Nesse depoimento, ou catarse da dor, observa-se que consiste de uma homenagem de uma a outra Alerquina, mas também um desabafo sobre a imagem maculada da vítima, em torno de sua sexualidade, acusada de infidelidade por ter postado uma foto com outro rapaz no Facebook. Vemos uma narrativa da saga de uma mulher de presidiário, as visitas íntimas e intimidações; a tentativa de levar um relacionamento por amor ao filho. Segundo o relato, independente de infidelidade, uma foto pode valer uma vida!

Figura 13 – Foto no Facebook mostrando jovens fazendo o símbolo da facção



O depoimento, ainda, demonstra como a violência de gênero é forte no Brasil, o que nos faz pensar que, se há uma feminização da pobreza (Melo;Castilho, 2009), também há uma questão de gênero que impera no número crescente de mortes por feminicídio:

O assassinato de mulheres é habitual no regime patriarcal, no qual elas estão submetidas ao controle dos homens, quer sejam maridos, familiares ou desconhecidos. As causas destes crimes não se devem a condições patológicas dos ofensores, mas ao desejo de posse das mulheres, em muitas situações culpabilizadas por não cumprirem os papéis de gênero designados pela cultura. (...).O assassinato intencional de mulheres cometido por homens é a manifestação mais grave da violência perpetrada contra a mulher e, em sociedades patriarcais, a condição feminina é o fator de risco mais importante para a violência letal, embora possa haver maior incidência em mulheres que possuem condicionantes raciais, étnicos, de classe social, ocupação ou geracionalidade (Meneguel; Portela, 2017, p. 3078-3079).

Sem querer fugir de nossa temática, é oportuno afirmar que, a nosso ver, trata-se de crimes de poder sobre o corpo da mulher, a ponto de eliminá-lo, de dominação sobre sua vida ou sua morte. E neste caso uma jovem com tanta vida, com um filho de 04 anos, que gostava de tirar fotos e de obter visibilidade nas redes sociais, como qualquer outra jovem nessa faixa etária.

3.2 Boca de prata e Marmita

“*Boca de prata*” é outro termo muito usado no Facebook para designar mulheres que tentam seduzir homens comprometidos conjugalmente, por meio de conversas e “*curtidas*” na rede social.

Já a expressão “*marmita*” foi também observada na netnografia, longamente aplicada àquelas meninas que transitam e têm relações com membros das facções rivais. *Marmita* remete à idéia de comida, então constitui um termo que seria o equivalente à prostituta, ou indicativo de que a menina está na facção tão somente para fins sexuais.

Ambos os termos, depreciativos, falam de mulheres que traem, seja a facção, o companheiro ou outras mulheres. Nos dois casos são termos pejorativos e passíveis de punição, muitas vezes impingida por outras mulheres.

Talaricagem é outro termo usado, que fala de traição, onde *talarico* ou *talarica* é aquele ou aquela que trai; e trair o companheiro neste universo é infringir uma norma do estatuto da facção, o que assim é um ato gravíssimo, com suas consequências.

A punição “*mais leve*” para a traição feminina vai depender de alguns fatores, mas as mulheres traídas geralmente se vingam raspando a cabeça das traidoras. São mulheres que irão humilhar e punir outras mulheres de forma exemplar. Nos perfis é possível ver as ameaças de umas para com as outras e de homens que chamando mulheres de “*marmitas*”, as decretam à morte, afinal a traição à facção é punida com a vida. Como podemos ver, as categorias de gênero feminino “*fiel*”, “*marmita*” e “*boca de prata*”, no crime, designam mulheres com relação aos homens e suas redes faccionais, é o julgamento alheio, que fala do caráter dessas meninas. Já no caso da Arlequina, são elas próprias que “*escolhem*” assim serem reconhecidas.

3.3 Meninos e Meninas no tráfico



Figura 14: Um casal

Vemos na figura acima a imagem de um casal cujo rapaz faz um sinal representativo de ligação com a GDE: os três dedos. O alistamento crescente de adolescentes no tráfico de drogas é um dos fenômenos sociais que atinge largamente o espaço social das periferias do Brasil. As desigualdades sociais e suas mazelas fazem deste (o tráfico) uma das portas encontradas por esses jovens, que buscam manutenção de sobrevivência, importância e status.

Facções locais nascem também da necessidade de pertencimento e de **fortalecimento de determinado** local. Os termos “família”, “irmãos”, “cunhados”, “primos”, como se tratam os envolvidos, foram cooptados pelo crime exatamente para darem o valor de unidade familiar. Se nos aprofundarmos um pouco veremos que o tráfico forja cuidado e proteção para aqueles que se encontram à margem do sistema, numa realidade de desproteção estatal, Estado que esses jovens só conhecem na sua forma opressora, numa vida de constante vulnerabilidade social e financeira (Cordeiro, 2009).

Na pesquisa no Facebook, observou-se que muitos casais, formados por pessoas bem jovens, alguns menores de idade, explicitam em fotos, depoimentos e comentários, total envolvimento com a GDE. Como verificamos várias meninas estão procurando parceiros, como demonstrado numa reveladora expressão: “*brota o mais solteiro*”. Algumas dessas meninas exibem fotos com trajes íntimos, denotando uma hipersexualização de seus corpos, de forma precoce face a pouca idade que possuem. Sexualidade constitui um elemento na construção da feminilidade dessas meninas. A busca por parceiros exige também expor qualidades físicas no intuito de atraí-los.

A partir de uma análise das categorias levantadas na netnografia, a exemplo de “*fiel*”, verificou-se que as facções possuem regras que seguem o modelo tradicional e comum na estrutura social e patriarcal brasileira, o machismo estrutural, a dominação masculina (BOURDIEU, 2002). *Fiel* é uma referência à mulher, e a ela imposta e exigida uma forma de controle social do seu corpo. Essa mulher é tida como propriedade desse homem, cujo controle estabelecido até nas redes sociais. Parece-nos um tanto ambíguo, pois ao mesmo tempo em que a sensualidade é uma “*arma*” atrativa e imperiosa, o uso dos corpos femininos estão constantemente exibidos e vigiados; nisso consiste as relações flutuantes entre os gêneros em interação (Gomes, 2008).

No caso das Arlequinas, à maternidade precoce sinaliza fator de vulnerabilidade social das meninas da GDE, com pouca idade e sujeitas a muitas formas de controle social. Um outro ponto sobre a fidelidade imposta as Arlequinas da GDE refere-se ao seu comprometimento, de forma irrefutável, também com a facção, sendo emblemático e perigoso sair dessa relação. A menina que tem algum nível de relacionamento com alguém de uma facção corre risco de morte ao romper esse relacionamento, pois a fidelidade ao companheiro está vinculada a fidelidade à própria facção; e se ela decide sair do relacionamento pode ser acusada de delatora ou pode mesmo se envolver com um jovem de outra facção. Então as noções de fidelidade estão ligadas a lógicas próprias, que para a facção constitui um código moral acirrado.

Enfim, destacamos a importância de se ter um olhar mais relacional sobre a violência presente nesse universo social, de modo a apontar sua existência e suas formas diversificadas de manifestação. Também é preciso observar que algumas mulheres burlam este esquema, fazem escolhas, modifica a velha dicotomia docilidade-feminina/agressividade-masculina, quando escolhem ser parte da facção,

ser Arlequina, Marmita, etc., ou ser ela própria uma liderança ou alguém que ocupa posição de destaque na facção, o que exige dela uma postura mais violenta e corajosa, o que também inverte as posições de gênero esperadas pelas facções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet, como espaço de pesquisa social, vem se tornando, especialmente com a pandemia vivida pelo Covid 19, uma área importante nas áreas da sociologia e da antropologia. As interações sociais ocorridas nas redes sociais expõem percepções de fenômenos que ligam o virtual e o mundo presencial. O *online* e o *off-line* compõem também o tecido social complexificado das periferias.

No caso da nossa pesquisa, foi necessário pensar no histórico do contexto populacional e territorial onde se desenvolveu a comunidade onde se localiza a GDE. A história de luta da população do Conjunto Palmeiras para se estabelecer como um bairro e, posteriormente, a luta das mulheres na construção das cooperativas que viabilizaram um futuro promissor para aquela periferia, foi fundamental para apreensão desse contexto de formação das jovens que pesquisamos no Facebook.

Observando as interações de jovens, moradores Conjunto Palmeiras, na rede social, membros ou simpatizantes de uma facção de tráfico de drogas ali instalada, nos mostrou a adesão de muitas jovens ao crime, por se envolverem afetivamente com faccionados.

A facção que se instalou no Estado do Ceará trouxe as mazelas inerentes à criminalidade, mas a principal delas é a formação de um exército de adolescentes e jovens cooptados para servirem como soldados a serviço do tráfico. Para muitos jovens da periferia, a falta de oportunidades, a pobreza, a exclusão social e os preconceitos são elementos que constroem um ethos ligado à precariedade social, tendo como pano de fundo a violência em diferentes níveis.

Interessante que a facção Guardiões do Estado surgiu em 2016, no mesmo ano de estréia do filme Esquadrão suicida, que protagoniza a Arlequina. O cinema sempre exibiu personagens que serviram de referências diversas, inclusive para o mundo do crime. Hoje contamos ainda com uma ferramenta mais penetrante no tecido social: a internet; que reflete e serve de espelho e de comunicação para as mais diversas práticas dos atores sociais. A internet emula um modo de viver que se não é a vida propriamente dita, mas extrai dela seus elementos, que se comunicam e interagem com o mundo.

Curiosamente, a jovem e perigosa Arlequina sonha com uma vida comum, casar-se com o Coringa, ter filhos e ser dona de casa. Mas depois reconhece que não sendo “normal” não tem como aspirar uma vida “rotineira”.

Achamos que muitas meninas que seguem a GDE são fãs do personagem Arlequina, o que não está ligado à alienação, mas a adaptação das representações da Arlequina enquanto mulher que sonha com um amor, mas que não abre mão da coragem, da bravura, sensualidade e atração pela criminalidade.

Ao se utilizarem da figura da Arlequina, essas meninas parecem se projetar para longe de suas realidades, postando relacionamentos idealizados, que pouco corresponde ao que vivem no dia-a-dia violento nas comunidades e das facções.

Tratar do envolvimento da mulher no tráfico de drogas e sua relação com as representações sociais que o sujeito carrega consigo acerca de sua identidade no contexto do amor significa adentrar num universo simbólico tipicamente feminino, permeado por idéias que não são exclusivas da mulher traficante de drogas, mas fazem parte da construção social da categoria mulheres, como resultado daquilo que elas apreenderam ao longo de sua trajetória histórica (COSTA, 2008, p. 3)

Por serem em maioria meninas pardas ou pretas, as categorias de classe social, raça e gênero foram relevantes para estudar a participação feminina na rede social do Facebook, em paginas e comunidades que faziam menção a GDE. O envolvimento de mulheres na criminalidade e nas facções não é novidade, no entanto, o envolvimento passional de adolescentes trouxe questões específicas, o que só sublinhou de forma indelével a necessidade dos estudos de interseccionalidade.

Falamos de vidas “morríveis” ou matáveis, conseqüências de vivências na criminalidade, o que as fazem entrar para a vida adulta precocemente. Em muitos casos, tal qual a Arlequina, a inserção é escolha e/ou romantização do amor do “Coringa”. E é claro que o universo da internet ajuda a criar personagens de nós mesmos, desse modo também somos criadores de pessoas e de vidas que podem, ou não, corresponder à realidade, mas que com certeza são mensagens que queremos emitir.

O que se percebe nas interações virtuais é que o crime subverte a noção de valores para essas meninas. As mulheres que entram para a vida criminosa por causa dos companheiros, colocam a relação amorosa como justificativa para o ato ilícito e mais do que isso, ser companheira, esposa, amante ou namorada, etc. torna

a ilicitude dos atos justificável e isso se traduz em conversas, fotografias e declarações expostas nas redes sociais.

Por fim, a pesquisa nos mostrou como podemos ler, nas redes sociais, os códigos femininos aos quais as Arlequinas, Marmitas, etc., são exemplos de meninas que se mostram como perigosas, sensuais, destemidas, liberadas, etc., mas que também se mostram filhas, irmãs, amigas, mães, mulheres e companheiras, dentro da realidade social do tráfico de drogas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. "Exclusão socioeconômica e violência urbana". Sociologias, ano 4(8):84-135, 2002.

BARCINSKI, M., & Cúnico, S. D.. (2016). Mulheres no tráfico de drogas: Retratos da vitimização e do protagonismo feminino. Civitas - Revista De Ciências Sociais, 16(1), 59–70. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.22590>

CARNEIRO, Sueli. Artigo O precário e o próspero nas políticas sociais que alcançam a população negra. Disponível em <https://www.geledes.org.br/o-precario-e-o-prospero-nas-politicas-sociais-que-alcancam-a-populacao-negra/> acessado em 25/04/2024

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, V I, 1999.

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. (Coord.). Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019> Acesso em: 3 jan. 2022.» <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2024>

CORDEIRO, Denise. Juventudes nas sombras. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

COSTA, Elaine Cristina Pimentel. Amor bandido – As teias afetivas que envolvem a mulher no tráfico de drogas. 2 ed. rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2008.

FARIA TD. Mulheres no tráfico de pessoas: vítimas e agressoras. CAD Pago [Internet]. 2008Jul;(31):151–72. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200008>

GOFFMAN, Irwing. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo, Ed. LTC, 2002.

GONZALEZ, Lélia. Racismo por omissão. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções, diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020i. p. 220-221 [1983].

GUIMARÃES, Marília Duarte; ALVES, Laís Regina de Oliveira. Tudo foi à gente indo atrás: histórias e memórias de uma moradora indígena sobre o Jangurussu. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2021 <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/> ISSN: 2675-914411.

LEITÃO, Gerônimo, DELACAVE Jonas. O programa Morar Carioca: novos rumos na urbanização das favelas cariocas? Artigo, *O Social em Questão* - Ano XVI - nº 29 – 2013, p. 265 – 284. Disponível em <https://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/11artigo29.pdf> acessado em 04/04/2024

MARICATO, Ermínia. "Conhecer para resolver a cidade ilegal", in L. B. Castriota (org.), *Urbanização brasileira: redescobertas*, Belo Horizonte, Arte, 2003.

MATIAS, Emanuela Ferreira. *Deus Criou o Mundo e Nos Construímos o Conjunto Palmeiras: Quilombismo Urbano de Populações Afrodescendentes em Fortaleza-Ceará*. 2019. 127f. -Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019.

MELO, HP; CASTILHO, M. Trabalho Reprodutivo no Brasil: quem faz? *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v.13, n.1, p. 135-158, janeiro-abril, 2009.

NOGUEIRA, J. A.; OLIVEIRA, Ramon R. N.; BRITO, Lauro G. Pertencimento e Territorialidade no Contexto da Prática de Atos Infracionais e da Participação em Facções Criminosas por Adolescentes Internados no Case Mossoró/RN. *RDP*, Brasília, Volume 17, n. 92, 129-156, mar./abr. 2020.

PAIVA, Vitória Régia Arrais de. *MULHERES, TRABALHO E CIDADANIA: A CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS NUMA LÓGICA SOLIDÁRIA DE INCLUSÃO* A Experiência da Incubadora Feminina da Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras/Fortaleza/CE. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-

Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2006

PAULINO, Antônio George Lopes. Entre o Diálogo e a resistência: o movimento social de bairro no Conjunto Palmeiras, em Fortaleza (CE). Caderno CRH [online]. 2019, v. 32, n. 87. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v32i87.25807>. Acesso em: 27 mar. 2024.

RELATÓRIO MENINAS NO CEARÁ: A trajetória de vida e de vulnerabilidades de adolescentes vítimas de homicídio. Assembleia Legislativa do Ceará. Comitê de prevenção e combate à violência. Daniele Jesus Negreiros, Monique Gomes Linhares e Roger Silva Sousa. Fortaleza/CE Ed.: Qualygraf Editora e Gráfica LTDA, 2021.

SOARES, Luiz Eduardo. "Juventude e violência no Brasil contemporâneo". In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). Juventude e sociedade: Trabalho, educação cultura e participação. São Paulo: Perseu Abramo, 2004, pp. 130-159.

ZALUAR, Alba. *A integração perversa pobreza e tráfico de drogas*. São Paulo, Ed. FGV, 2004.

,